

Espécies extintas ou de ocorrência duvidosa

Francisco Álvares, Joana Bencatel e A. Márcia Barbosa

In: Bencatel, J., Álvares, F., Moura, A. E. & Barbosa, A. M. (eds.), 2017. Atlas de Mamíferos de Portugal. Universidade de Évora, Portugal

ESPÉCIES EXTINTAS

Ursus arctos Linnaeus, 1758

Urso-pardo, Oso pardo, Brown bear

O urso-pardo (família Ursidae), é um dos maiores carnívoros terrestres do mundo. Tem uma ampla distribuição mundial, ocorrendo na maior parte do hemisfério Norte e numa grande variedade de habitats, mas com populações fragmentadas e extinções locais na maior parte da porção sul da sua distribuição original. Na Europa, ocorre principalmente em países do Este e do Norte, sendo considerado um animal florestal. Na Península Ibérica, está reduzido a pequenas e isoladas populações reliquia, que persistem em zonas montanhosas do Norte de Espanha (nomeadamente nos Pirenéus e na Cordilheira Cantábrica) e ocupam zonas florestais com matos, rochedos e pastagens.

Em Portugal, o urso é atualmente considerado como Regionalmente Extinto (RE). A sua data de extinção é frequentemente colocada em meados do séc. XVII, com base no registo de um espécime abatido na Serra do Gerês em 1650. Porém, um trabalho de pesquisa permitiu obter vários registos documentais que atestam a presença do urso no extremo norte de Portugal, desde o séc. XVIII até finais do séc. XIX, sugerindo que esta espécie terá ocorrido no nosso país em épocas mais recentes às consideradas em trabalhos anteriores. Em Portugal, o urso terá ocorrido durante a Idade Média por todo o território nacional, mas de forma fragmentada, nomeadamente nos principais sistemas montanhosos localizados a norte do rio Douro, na Beira Interior, na bacia do Tejo e na bacia do Guadiana.

Atualmente, não existem registos de presença de urso-pardo em Portugal. Contudo, graças à recente recuperação desta espécie em Espanha, a ocorrência de indivíduos em movimentos dispersivos tem vindo a ser detetada em áreas localizadas a menos de 25 km da fronteira no nordeste de Portugal (Parque Natural de Montesinho), o que sugere que o urso poderá voltar a marcar presença no território nacional num futuro próximo.

Bibliografia

Álvares & Domingues (2010), Baeta-Neves (1967), Cabral et al. (2005), McLellan et al. (2016), Naves & Fernández-Gil (2007), Naves et al. (2003)



Castor fiber (Linnaeus, 1758)

Castor-europeu, Castor europeo, Eurasian beaver

O castor (família Castoridae) é um roedor de grandes dimensões e hábitos sociais adaptado a uma vida semi-aquática, preferindo geralmente habitats de água doce rodeados de floresta, para construir barragens e abrigos.

Esta espécie já ocorreu por toda a Europa e Ásia, mas no início do séc. XX as suas populações encontravam-se drasticamente reduzidas, tanto em número como em área de distribuição, devido à caça excessiva. A distribuição do castor na Europa ficou então restrita a alguns troços de rios em França, Alemanha, Noruega, Bielorrússia e Rússia. Atualmente, graças à implementação de várias medidas de gestão e programas de reintrodução, várias populações de castores foram reestabelecidas e encontram-se em rápida expansão na maioria da sua área de ocorrência original na Europa. A espécie encontra-se ainda ausente, até à data, em Portugal, na Itália, no sul dos Balcãs e no Reino Unido.

Os registos fósseis que atestam a ocorrência de castor em Portugal datam do Paleolítico Superior e do Calcolítico. Porém, é possível que esta espécie ainda tenha ocorrido em Portugal até meados do séc. XV, aquando da última referência documental conhecida, que menciona a sua presença no extremo ocidental da Europa. A presença histórica do castor no nosso país é documentada maioritariamente com base em topónimos ou zoónimos atribuídos a esta espécie, tais como “Fiber”, “Biber” e “Castor”. A localização destes no país sugere que esta espécie ocorria nas principais bacias hidrográficas entre os rios Minho e Tejo, maioritariamente no noroeste de Portugal, e coincidentes com áreas palustres de clima húmido compatíveis com a ecologia desta espécie. As causas mais prováveis da extinção do castor em Portugal, onde já no séc. XIII a espécie devia ser pouco frequente, terão sido a destruição de zonas húmidas necessárias aos seus requisitos ecológicos, bem como a perseguição humana.



Topónimos de castor

Bibliografia

Antunes (1989), Batbold et al. (2016), Ceña et al. (2004), Halley & Rosell (2002)

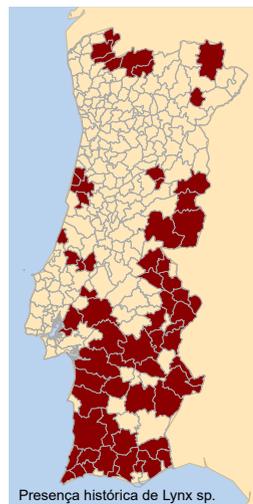
ESPÉCIES DE OCORRÊNCIA DUVIDOSA

Lynx lynx (Linnaeus, 1758)

Lince-europeu, Lince europeo, Eurasian lynx

O lince-euroasiático é um carnívoro pertencente à família Felidae que possui uma ampla distribuição desde a Europa até à Sibéria, e que atualmente ocorre em várias populações isoladas no centro e sudeste da Europa. A ocorrência histórica de lince euroasiático no norte de Espanha (e.g. Pirenéus, Cordilheira Cantábrica e Galiza) tem vindo a ser sugerida com base na interpretação de registos provenientes de fontes documentais, e foi recentemente confirmada

através da análise genética de fragmentos ósseos datados desde o Pleistoceno/Holoceno até há poucos séculos atrás. Estes estudos confirmam que duas espécies de lince terão ocorrido simultaneamente na Península Ibérica em épocas históricas, com o lince-ibérico a ocupar a região biogeográfica mediterrânica no centro e sul peninsulares, e o lince-euroasiático a ocorrer principalmente na área de clima atlântico-alpino do norte da Península, incluída na região biogeográfica eurosiberiana, e onde se deverá ter extinguido no início do séc. XIX. Em Portugal, os registos históricos compilados atribuídos ao lince-ibérico (*Lynx pardinus*) sugerem uma distribuição alargada a quase todo o país, com um núcleo isolado de presenças datadas até ao séc. XIX localizado na região da Peneda-Gerês, que se encontra incluída na região biogeográfica eurosiberiana. Desta forma, face às recentes evidências obtidas para o norte de Espanha, é possível que os registos históricos de lince no noroeste de Portugal possam, na realidade, corresponder ao lince euroasiático.



Bibliografia

Álvares (1997), Breitenmoser et al. (2005), Clavero & Delibes (2013), Rodríguez Varela et al. (2016)

Equus hydruntinus

Zebro, Encebro, European ass

O zebro (ou burro-selvagem-europeu) é uma espécie de equídeo atualmente extinta que se distribuía por toda a Europa e Médio Oriente durante a pré-história, e que se suspeita ter sobrevivido na Península Ibérica até ao século XVI. Para além de vários registos fósseis atribuídos a esta espécie na Península Ibérica durante o Pleistocénico e o Calcolítico, a sua ocorrência histórica é testemunhada em crónicas medievais e, principalmente, pelos numerosos topónimos derivados de “Zebro”, que em Portugal se distribuem um pouco por todo o país. O zebro é ainda uma espécie referida na “Lei de Almotacaria” de 1253, o que sugere a sua possível ocorrência em território português ainda durante a Idade Média. As crónicas medievais descrevem o zebro como um animal parecido com o burro doméstico, mas de porte mais alto e robusto, muito veloz e com pelagem riscada de cinzento e branco no dorso e nas patas. A título de curiosidade, é de referir que, quando os navegadores portugueses exploraram o litoral da África Austral, em finais do século XV, terão dado o nome de “zebras” aos equídeos riscados que encontraram em África, devido à sua semelhança morfológica com o zebro.

Bibliografia

Alves (2013), Orlando et al. (2006), Garrido-García (2008), Nores & Liesau (1992), Nunes (1925), Cardoso (1994)

Glis glis Linnaeus, 1766

Leirão-cinzento, Lirón gris, Fat dormouse

O leirão-cinzento é um roedor pertencente à família Gliridae. Tem hábitos noturnos e arborícolas e ocorre tipicamente nas florestas caducifólias em zonas de montanha. A sua distribuição estende-se por toda a Europa até ao sudoeste da Ásia e, na Península Ibérica, ocupa uma estreita faixa formada pelos principais sistemas montanhosos entre os Pirenéus e a Galiza. A ocorrência de leirão-cinzento em território português não se encontra confirmada, apesar de autores espanhóis referirem evidências indiretas (e.g. informações de guardas florestais) da sua presença na Serra do Gerês no início da década de 1970. Além disso, de acordo com o Atlas de Vertebrados da Galiza, realizado em 1995, a sua presença encontra-se documentada em vários locais do território espanhol adjacente ao Parque Nacional da Peneda-Gerês. Estas evidências, aliadas às condições locais de habitat favorável para a ocorrência desta espécie, sugerem a possível existência de um pequeno isolado populacional na região transfronteiriça da Peneda-Gerês, que pode ter passado despercebido até à data devido aos hábitos elusivos desta espécie. Por esta razão, seria importante desenvolver, na área da Peneda-Gerês, censos direcionados a esta espécie, com recurso a metodologias adequadas para a sua deteção.

Bibliografia

Álvares & Rosalino (1997), Amori et al. (2016), Castián (2007), Mata & González (1995), Meijide et al (1973)

Arvicola scherman (Shaw, 1801)

Rato-dos-lameiros, Rata topera, Montane water vole

O rato-dos-lameiros é um roedor pertencente à família Muridae que constrói extensas tocas subterrâneas em prados ou, menos frequentemente, em bosques, principalmente nas áreas montanhosas do sul e centro da Europa. Na Península Ibérica, esta espécie ocorre numa faixa setentrional, onde existem duas populações relativamente isoladas geograficamente, localizadas na região da Cordilheira Cantábrica e na região dos Pirenéus. Em Portugal, existe um único registo de 2 indivíduos machos capturados em 1987 no Parque Natural de Montesinho (extremo nordeste de Portugal) e identificados na altura como *Arvicola terrestris*. Porém, esta espécie foi alvo de recentes revisões taxonómicas que consideram as populações ibéricas localizadas no extremo sudoeste da sua área de distribuição (onde se inclui o registo obtido em Portugal) como pertencendo à espécie *A. scherman*. Face à ausência de registos recentes desta espécie em Portugal, torna-se importante confirmar a sua ocorrência atual no território nacional, através de uma amostragem sistemática – nomeadamente, no Parque Natural de Montesinho, onde se localiza o único registo conhecido deste roedor em Portugal, obtido há cerca de 30 anos, e onde a sua ocorrência é mais provável tendo em conta a proximidade de populações conhecidas em Espanha.

Bibliografia

Cassola (2016a), Ramalinho & Mathias (1988), Ventura (2007c)